

Leitores e jornais: vestígios de uma travessia em direção às leituras do início do século XX

Marialva Barbosa

Resumo

O artigo mostra múltiplos leitores em diversas práticas cotidianas de leitura no início do século XX, indicando as possibilidades interpretativas decorrentes do ato leitor. Lendo nos presídios, nos locais de trabalho, nas ruas, com as multidões na porta dos jornais, que publicavam em boletins as últimas notícias, havia muitos leitores e inúmeras leituras. São esses gestos, com base na sua localização como vestígios significantes que perduraram nos jornais de época, que o texto interpreta.

Abstract

The article shows the multiple readers in various daily reading practices at the beginning of the 20th century, indicating as interpretative possibilities arising from the reading act. Reading in the prisons, in the workplaces, in the streets, along with the crowd at the door of newspapers that publish bulletins with latest news, there were many readers and countless readings. It is these gestures, from their place as significant traces that have persisted in the newspapers of the time, that the text interprets.

Nas portas dos grandes jornais acontecia de tudo: perdiam-se brincos e outras joias, achavam-se pacotes e outros objetos, marcavam-se encontros a qualquer hora do dia ou da noite, podia-se ser alvo de ladrões, havia brigas das mais diversas, podiam até mesmo ocorrer assassinatos¹, mas sobretudo havia sempre uma multidão ávida pelos boletins que os maiores periódicos passaram a fixar nas portas de seus prédios desde o início do século XX.

A leitura espremida no meio da multidão, para saber os últimos acontecimentos envolvendo a guerra ou os detalhes de um crime violento que era comentado por toda a cidade, ou ainda o desastre que fizera naufragar uma barca na Baía de Guanabara, era, nesse momento, apenas uma das muitas práticas de leitura. Estas, como vestígios de uma travessia – a do pesquisador que do século XXI tenta interpretar leituras e leitores do início do século XX –, podem ser vislumbradas nas próprias páginas dos periódicos, que também publicavam imagens revelando as faces desses leitores e suas leituras.

O artigo propõe-se, portanto, a desvelar as inúmeras práticas e relações dos leitores com os periódicos no Rio de Janeiro, espaço que, a rigor, é metonímico do que acontecia em outras partes do país, mostrando não apenas os lugares de leitura, mas também os modos como o público se relacionava com as publicações. Para recuperar esses traços do passado, usamos como fontes privilegiadas os rastros e restos (Heller, 1993; Ricoeur, 2007) que ficaram fixados nos jornais e nas revistas, ao narrarem o cotidiano das cidades.

Na busca dessas trilhas, numa profusão de leituras, chegamos ao cangaceiro que, na prisão, aprendera a ler jornais e que era capaz de interpretar a Bíblia; deparamos com um criminoso que só assinava qualquer papel se o tivesse lido antes e que também guardava no seu quarto pilhas de jornais que descreviam os crimes que cometera; encontramos muitos leitores nos bondes que se incomodavam com os barulhos em torno quando faziam suas leituras matinais ou vespertinas; e também trabalhadores desempregados e analfabetos que pediam aos transeuntes para ler para eles os anúncios dos empregos que estavam procurando². Enfim, leitores múltiplos, em práticas variadas, que revelam apreensões de

¹ Essas informações, em diversas notícias, foram recolhidas em jornais e revistas que pesquisamos de 1910 a 1919, procurando minuciosamente leituras, leitores e suas práticas. Algumas narravam repetidamente os fatos que ocorriam às portas dos jornais, enquanto outras, que vamos detalhar no decorrer do artigo, falavam explicitamente dos leitores e de suas leituras. Os periódicos foram escolhidos tendo em vista dois critérios: a sua abrangência e circulação (sobretudo, entre os grupos populares) na época e o fato de publicarem com maior intensidade fotografias e ilustrações. Foram pesquisados os seguintes periódicos: *Jornal do Brasil*, *A Noite*, *Correio da Manhã*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias*, *A Rua*, *Rio em Flagrante*, *Careta*, *Fon-Fon* e *O Malho*.

² Todas essas notícias serão comentadas ao longo do artigo, razão pela qual não indicamos nesse momento suas referências.

sentido variadas, abertas às interpretações que também decorrem das possibilidades das leituras cotidianas no mundo da vida³.

Últimas novidades: leitura de multidões

A legenda da foto publicada na revista *Careta* de 15 de agosto de 1915 – “Curiosos à espera de notícias, a porta do *Jornal do Brasil*” (Figura 1) – introduz duas reflexões: a primeira sobre o sentido de novidade e a importância da informação temporalmente mais próxima para o público leitor no início do século XX; e as práticas e os modos de leitura que eram realizados no meio da rua, quando, em grupo, espremendo-se uns contra os outros, indivíduos tentavam ler e compreender o que diziam os últimos boletins que os principais jornais fixavam nas portas dos seus prédios.

Em relação à primeira questão – o sentido de presente em permanente atualização na busca incessante da novidade –, observa-se que, com a transformação do jornalismo desde os últimos anos do século XIX, houve também mudança no que se entendia por notícia, que cada vez mais passa a ser identificada com o novo, premida por um sentido temporal em transformação (BARBOSA, 2007). A temporalidade de uma modernidade compulsória na qual se queria a todo custo ingressar contaminava o próprio jornalismo, que passou a ser identificado com um tempo em permanente atualização. Nesse sentido, os periódicos mais importantes começaram a ter como norma a publicação, diante de suas portas, de boletins, permanentemente atualizados, com as últimas informações sobre os fatos que julgavam mais importantes: um crime que causava sensação na cidade, um desastre violento com muitos mortos e feridos, uma decisão governamental que afetava a vida de muitos ou, na época analisada aqui, as últimas informações da guerra que irrompera na Europa.

A segunda reflexão refere-se à leitura coletiva realizada nas calçadas, em pé, um espremido contra o outro, lendo por cima do ombro do outro, para poder conseguir desvendar letras impressas. A leitura lado a lado induz a pensar também nas práticas coletivas, em que o detalhe do fato era comentado, podendo haver discordância ou concordância, sobre o qual se acrescentava uma observação, uma opinião. A leitura da multidão é sempre coletiva e sujeita a interpretações que são completadas pela voz expressa do outro, que partilha aquele momento, ou por gestos que explicitam igualmente significações.

³ Inúmeras são as pesquisas que se dedicam às leituras e suas práticas, muitas delas derivadas das apreensões conceituais de Roger Chartier (1994; 1999; 2002; 2003; 2004, entre outros). No Brasil, desenvolvem-se pelo menos desde os anos 1990 diversos estudos inovadores sobre a temática. Para um inventário crítico, cf. Bessone (2017).

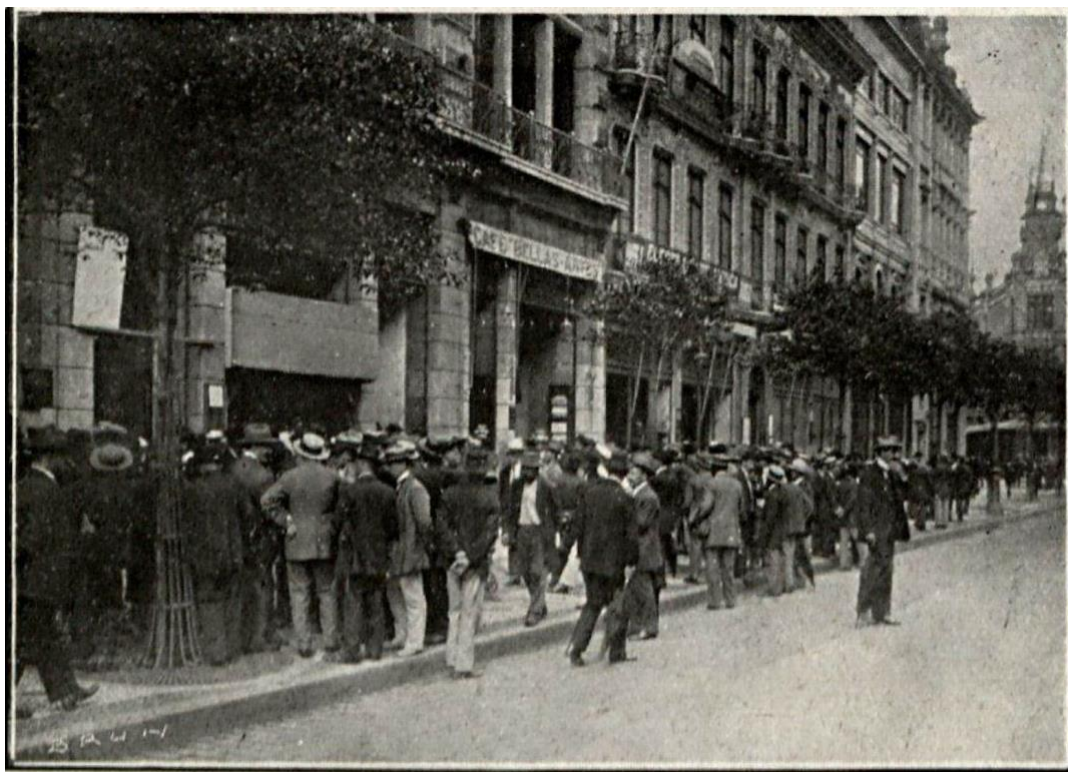


Figura 1: Multidão à porta do *Jornal do Brasil* à espera de notícias
(Fon-Fon, 18 de março de 1916 ago. 1915, p. 22).

Chama a atenção na Figura 1 a quantidade de gente que lê, lado a lado, as informações fixadas na porta do jornal, o que obriga os transeuntes a escaparem para o meio da rua, já que a calçada estava tomada de leitores.

Também as notícias dos próprios jornais são pródigas nas descrições desses leitores que se amontoam nas portas dos jornais para saberem as últimas informações. São pessoas que “devoram os boletins sobre a guerra”⁴, empregados domésticos como a cozinheira Totonha, que chega em casa e informa que “Belgrado já foi tomada pelos austríacos”, ela que “sabe ler e viu isso na porta de um jornal”⁵, ou ainda o funcionário público que, ao voltar do centro para a “repartição pública” na Praia Vermelha, anuncia o “acontecimento do dia”: o Brasil declarou guerra à Alemanha. E complementa: “Venho da cidade e li num boletim afixado na porta de um jornal. A rua estava apinhada de gente. Estou com o pescoço doendo do esforço que fiz para ler o tal boletim. É verdade, eu lhes garanto. Os alemães torpedearam Macau e agora nós estamos fritos”.⁶

⁴ “Se falasse sinceramente aquele cavalheiro que eu vi ontem devorando boletins à porta de um jornal”. In: *Rio em Flagrante*, 26 de abril de 1914, p. 9, grifos nossos.

⁵ *Jornal do Brasil*, 30 de julho de 1914, p. 6.

⁶ *Gazeta de Notícias*, 26 de novembro de 1917, p.4.

O pescoço doendo denota que para conseguir ler ele tinha se esticado para que os olhos pudessem alcançar as letras que reproduziam a notícia e que ficara uns bons minutos nessa posição. A leitura, para ser de fato acreditada como verdadeira, não poderia ser feita por outro, que diria a ele o que tinha lido: era preciso que ele mesmo, com seus próprios olhos, se certificasse da novidade. Mesmo a leitura na multidão pressupõe, portanto, uma prática individual necessária para atingir a credulidade da informação.

Nesses ajuntamentos que se formavam, sobretudo no período da guerra, em que as novidades eram muitas e frequentes, os jornais publicavam, além dos boletins, também os mapas do avanço das tropas no conflito e fotografias. Podiam-se publicar também os telegramas que chegavam das agências de notícias. Os boletins eram *devorados*, o que denota a sofreguidão da leitura, ou *apreciados*, o que induz a pensar numa ação mais calma e, até mesmo, reflexiva. Mas, no meio da multidão, os comentários podiam resultar em atos inesperados.

Sob o título “Discussão Violenta”, o *Jornal do Brasil*, na seção Notícias Policiais, descreve a pancadaria que se seguiu entre dois leitores que, no meio da multidão, brigaram com socos, em função dos comentários que as notícias suscitaram:

Pelas 15 e ½ de ontem, na Avenida Rio Branco, na porta do *Jornal do Brasil*, apreciando o mapa indicativo do movimento dos exércitos beligerantes e os boletins das últimas notícias do teatro, achavam-se grupos numerosos, sendo vários os comentários acerca dos acontecimentos. Em dado momento, porém, dois curiosos alteram o metal de voz. Para eles, vovvem-se todos os olhares. A discussão aumenta e vai tomando maior vulto, passando em seguida a troca recíproca de pesados insultos. [...] A contenda versara sobre a política portuguesa. O Sr. Lage porém mais exaltado do que o Sr. Santos, avançou contra ele, aplicando-lhe diversos socos e um mais violento no olho esquerdo, fazendo-o rolar por terra. Vários populares indignaram-se contra o procedimento do Sr. Lage, investindo contra ele, lutando os guardas civis que acudiram ao local com muita dificuldade para evitar maiores violências (*Jornal do Brasil*, 18 de setembro de 1914, p.8).

Na pequena nota podemos observar diversas indicações dos assuntos e das maneiras como eram lidos: os mapas eram *apreciados*, o que revela certa pausa do olhar para ver imagens sobre as quais não havia muitas palavras sobrepostas. Além disso, para conseguir decifrar percursos, era preciso uma leitura mais demorada, um olhar mais atento para observar, com vagar, desenhos que transformavam lugares desconhecidos em mapas cuidadosamente elaborados.

A informação era quase sempre partilhada e podia desencadear, como descreve a notícia, brigas violentas. Foi o que ocorreu nesse dia. A discordância em relação ao que fora

publicado levou dois leitores a uma discussão que terminou numa briga generalizada. A leitura fazia-se, assim, pela concordância ou discordância de outro que, próximo dela, também participava. Mas podia resultar, ao contrário, num total alheamento do que estava em torno, tal a absorção com a história, fazendo os indivíduos não perceber o que se passava em volta. Sob o título “Quis saber das novidades da guerra e teve um prejuizosinho”, o *Correio da Manhã* noticiou o fato de um leitor ter sido roubado quando estava lendo os boletins:

João Soares, residente rua Atila, n. 6, em Anchieta, queixou-se ontem na delegacia do que, estando a porta de um jornal, lendo os boletins sobre o movimento dos exércitos em guerra na Europa, teve o seu relógio e corrente roubados por um pungista (*Correio da Manhã*, 2 de abril de 1915, p.2).

A memória era também capaz de fazer reviver gestos de leitura (e, com eles, suas práticas) realizados em tempos pretéritos, mostrando que o hábito de ler na porta dos periódicos atravessava décadas. Um repórter anônimo, valendo-se de sua memória – agora que estava em terras distantes, em “Berlim em Tempo de Guerra” –, relembra-se, com nostalgia, de seu país e de suas lembranças, que emergem de um quadro que perdura no tempo.

Lembrei-me então do meu país, esboçando um quadro que ainda hoje testemunho: estaria na rua do Ouvidor, a porta do jornal, lendo aos empurrões um boletim narrando as peripécias façanhudas do padre Cícero, no sertão do Ceará; ou impaciente, na ponta dos pés, diante da fotografia dum malandro que assassinou a amásia na rua do Núncio (*Correio da Manhã*, 24 de agosto de 1914, p.3).

Mais uma vez, na descrição, sobressai a imagem da quantidade de gente interessada – mesmo que fossem notícias que, no passado, falavam dos milagres do Juazeiro –, o que obrigava uma leitura “aos empurrões”, quando era necessário agir para deslocar outro corpo e, assim, conseguir um lugar capaz de efetuar-las. As notícias dos crimes que faziam a sensação, ainda mais quando os periódicos publicavam fotografias, levavam o leitor à impaciência, diante da possibilidade de não ver a cena, colocando-se “na ponta dos pés” para poder vislumbrar as imagens. Múltiplos e improváveis gestos de leitura e de sensações emergiam das práticas possíveis para realizá-las.

A profusão de sedes dos periódicos que se distribuíam ao longo da Avenida Rio Branco, no centro nervoso do Rio de Janeiro, fazia com que em cada trecho pudessem ser vistas pessoas “espremendo-se” para ler as notícias mais recentes. O *Jornal do Brasil* assim descreve como foi recebida pelos italianos a declaração de entrada na guerra daquele país:

A notícia de que a Itália se envolveu afinal na grande guerra [...] manteve ontem profundamente agitada a colônia italiana do Rio, sendo durante o dia e pela noite adentro compacta a multidão formada por pessoas daquela nacionalidade que se espremia a porta do Jornal do Brasil a ler os importantes telegramas que a todo momento nos chegavam. O interesse com que os boletins eram lidos de instante a instante, convertia-se em manifestações patrióticas, sendo erguidos vivas entusiásticos à Itália, ao Rei Victor Manuel e aos estadistas italianos mais em evidência (*Jornal do Brasil*, 25 de março de 1915, p.10).

O movimento durara todo o dia. De manhã à noite, a multidão continuava a sua leitura, que resultava a todo o momento numa reação. Desencadeavam-se movimentos, vivas entusiásticos ao país de origem e aos seus mandatários. A leitura é sempre uma prática que induz à ação.

À noite, a multidão era ainda mais numerosa. Do outro lado da rua, em frente, ficava o jornal *Il Corriere Italiano*, que dispôs *placards* na calçada com mais notícias sobre o acontecimento, fazendo desenrolar mais ações: discursos, desfraldar de bandeira, aclamações e palmas.

A noite um grupo mais numeroso, formado em frente da nossa redação, juntando-se a outro grupo, que na calçada fronteira lia os “*placards*” do *Il Corriere Italiano*, desfraldando uma bandeira italiana percorreu a Avenida Rio Branco, sendo em vários pontos pronunciados patrióticos discursos, inclusive o da sacada do diário italiano. As aclamações, as palmas sucediam-se quase ininterruptamente (*Idem*).

A Figura 2, publicada na revista *Fon-Fon*, em 8 de junho de 1907, reproduzindo de maneira caricatural uma possível tipologia de público, é representativa não só dos modos de leitura, mas revelam as estratégias editoriais dos jornais para capturar o maior número possível de leitores. Assim, o leitor dos grupos dominantes dividia seu interesse entre o conteúdo do sisudo *Jornal do Commercio* e da *Notícia* ou lia *por hábito* tudo que lhe caísse diante dos olhos. Havia também o leitor que fazia uma leitura utilitária em busca de notícias visando o seu próprio interesse. Mas eram, sobretudo, os crimes bárbaros, as notícias de sensação, os palpites do jogo do bicho, conteúdos que popularizavam os periódicos, que mereciam a atenção do maior número de leitores dos jornais, numa atitude apaixonada, *nervosa* ou *impressionável*. Entre eles figuravam também aqueles que liam por ouvir dizer, que tinham dificuldades de compreensão, que realizavam uma leitura de segunda ou terceira naturezas porque efetivamente não sabiam ler.



Figura 2. Leitores e múltiplas possibilidades de apreensões de sentidos (Fon-Fon, 8 de junho de 1907, p. 21).

Os leitores eram vários e estavam por toda a parte. Seus modos de apropriação daqueles textos eram múltiplos e produziam cada um diante daqueles papéis impressos significações plurais dos mundos que abriam aos seus olhos quando o texto se desprendia da inscrição para passar a habitar o mundo do leitor. Enquanto, a leitura da multidão se fazia, preferencialmente, pelos comentários, que amplificavam os modos de ler dominados pela partilha, a leitura solitária induz a pensar na reconstrução mental do texto – a partir de um mundo – no qual o leitor está inserido.

Leitores em pose

Os leitores podem ser de muitas naturezas. O primeiro deles é aquele que, efetivamente, toma o livro ou periódico em suas mãos e realiza, quase sempre de modo

silencioso, a sua leitura. Já o leitor de segunda natureza é o que em voz alta lê para outros ouvidos aquilo que poderia ficar só com ele. Por fim, há também o leitor de terceira natureza: aquele que não leu e que tampouco escutou o som das letras impressas lidas pelo outro, mas que sabe da existência dos jornais e que conhece os assuntos comentados “por ouvir dizer”.

A prática da produção de reportagens, por meio de pequenas entrevistas – chamadas enquetes – que os jornais passaram a produzir com as reformas que realizaram nos seus modos de escrita (Barbosa, 2007; 2010; 2013), permite vislumbrar o rosto desses leitores anônimos – alguns de terceira natureza – que também participavam dos assuntos que os periódicos faziam inundar as ruas das cidades.

Em 11 de agosto de 1916, o *Jornal do Brasil* publicou uma dessas matérias, entrevistando algumas personagens pertencentes às “classes humildes, mas laboriosas” sobre a crise econômica em consequência da guerra. Eram engraxates, carregadores, quitandeiros ambulantes, o que denominaríamos hoje de trabalhadores informais, que sentiam na pele, no bolso e no estômago as consequências da “crise, em um imenso cortejo, desdobrando-se por todas as condições de trabalho”.

Os primeiros a que falamos foram os engraxates. Logo à porta do *Jornal do Brasil* o ponto mais concorrido da Avenida ouvimos os primeiros lamentos.
Sentamo-nos a lustrar a bota e ferimos a tecla.
– Como vai isto, muito trabalho, hein?
– Qual! A profissão já não vale um caracol; não deixa mais nada...
Estávamos fazendo considerações quanto ao “ponto” e a multidão dos que fazem Avenida. Já o fotografo procurava posição... (*Jornal do Brasil*, 11 de agosto de 1916, p.9).

Acompanham o texto três fotos. A primeira é a do engraxate que estava sendo entrevistado. Chama a atenção na imagem do homem de meia-idade sentado diante da cadeira de engraxate o momento em que ele se volta e olha para a câmera do fotógrafo que “procurava posição” para fazer a foto, de tal forma que seu rosto possa ser capturado.

O simples gesto mostra não apenas a pose que faz, mas o conhecimento que possuía em relação à produção de fotografias para jornais: sabia que a imagem devia revelar nitidamente seu rosto, sabia que diante da câmera deveria olhar para que esta pudesse captá-lo. Se assim não o fizesse, a imagem não poderia ser publicada. Já havia visto – ainda mais que trabalhava na porta do jornal – centenas de fotos naqueles periódicos. Mesmo não

estando no momento da reportagem numa atitude leitora, o engraxate era um leitor de periódicos e produziu uma posição da sua imagem para o leitor.

O repórter continuou sua matéria e sua saga em busca dos “trabalhadores desvalidos”. No caminho deparou com um carregador...

Já então subíamos a rua Senador Euzébio.

Um carregador se nos depara, com um ar flagrante de desanimado.

Bem pode ser que essa classe de trabalhadores também sinta os efeitos da crise – pensamos. E como quem se dispunha a dar um ganho qualquer, interrogamos:

– Está em serviço, agora?

– Não senhor. Ao contrário estou sem trabalho nenhum.

– Quer alguma coisa, pronto meu patrão!

– Nada! Queríamos saber isso mesmo (*Jornal do Brasil*, 11 de agosto de 1916, p.9).

Depois desse breve diálogo, o repórter informou que o carregador avistou o fotógrafo que o acompanhava na produção da matéria. Ao vê-lo, reconheceu, imediatamente, aquele que o entrevistava como repórter.

– Ah! É repórter... isso é para botar no jornal? Mais eu até peço que o Sr. diga que quase já não há mais o que a gente fazer. Os serviços que aparecem são raros e só se obtém a preços que nem valem a pena... Deve ser por isso que aumenta a malandragem nos bairros.

E indagou:

– Qual é o jornal?

– O *Jornal do Brasil* (*Jornal do Brasil*, 11 de agosto de 1916, p.9).

O carregador é, portanto, mais uma personagem que assume uma posição leitora. Dessa vez, não por olhar explicitamente para que a câmera do fotógrafo registrasse uma imagem que pudesse ser publicada – o que também efetivamente fez –, mas por ter reconhecido, de imediato, tratar-se da produção de um texto para jornais quando viu o fotógrafo e, na sequência, percebeu que estava sendo entrevistado. Com astúcia, então, indicou ao repórter o que gostaria que fosse publicado, de forma a explicitar as dificuldades que o atingiam.

Além disso, conhece muitos jornais, pois quis saber qual seria o periódico que publicaria o material. Por que faz a indagação? Para, quem sabe, procurar no dia seguinte sua fala encoberta pela sua ocupação cotidiana, mas que, ainda assim, detalhava as dificuldades que enfrentava para sobreviver.

Há, portanto, no ato de leitura também diversas posições de leitor. Há aqueles que produzem, como nos dois casos explicitados anteriormente, material bruto a ser

efetivamente publicado e ofertado a leituras múltiplas, assumindo a posição de leitor-informante, porém existem também os que posam no ato mesmo de leitura para que essas imagens figurem nas publicações (Figura 3).



Figura 3: Fotografia publicada na seção Notas Mundanas, da revista *Fon-Fon*, em 3 de julho de 1915, p.26.

Nesse caso, a posição de leitor indica modos possíveis de realização das leituras: solitárias e individuais, mostrando uma prática silenciosa, ou, ao contrário, partilhada com o outro, destacando-se a realizada em voz alta, na pose da Figura 4. Leitura solitária em casa, numa cadeira que servia a esse propósito, ou partilhada, realizada na soleira de uma porta. As leituras encenadas para as câmeras revelam também práticas e significados que o domínio dos códigos escritos possuía. Ler um periódico denotava certa distinção que precisava ficar imobilizada nas imagens em pose produzidas.



Figura 4: *O Malho*, edição 389, 1910, p.41.

Observamos, então, que as práticas de leitura e aqueles que as executam, ou seja, os leitores, podem ser recuperados seguindo trilhas, como enfatizamos no início deste texto, pressupondo que o passado lega ao presente rastros, restos e vestígios. Para Paul Ricoeur (2007), há que fazer distinção entre rastros e restos. Se entendermos a noção de rastro tanto conforme a tradição filosófica platônica quanto aristotélica, acedemos à questão da representação em duas dimensões: a representação como exibição pública da presença (como apresentação) e a presença de algo ausente, que foi percebido anteriormente e que evoca, no presente, uma imagem como um rastro-lembrança. Ricoeur (2007, p.425) sustenta também que toda a problemática do rastro, da Antiguidade até nossos dias, é herdeira da noção de impressão, mas que, longe de resolver o enigma da presença da ausência, acrescenta outro enigma que lhe é próprio.

Assim, para o filósofo, existem três espécies de rastros: o rastro escrito, que pela operação historiográfica se torna o rastro documental (o caminho que estamos fazendo neste texto); o rastro psíquico, ao qual prefere chamar de impressão, no sentido de afecção, deixada por um acontecimento marcante e que imprime uma marca no interior do sujeito afetado; e, por fim, o rastro cerebral, tratado pelas neurociências (ibid).

Portanto, enquanto o rastro pode ser visto como algo que foi voluntária ou involuntariamente guardado e que provaria a existência do passado, possuindo a qualidade de representar os tempos idos, guardando a positividade de representá-lo e de ser reconhecido por instaurar a aura de um tempo que poderia ter sido irremediavelmente perdido, o resto deve ser compreendido como vestígio.

O rastro está encarcerado na documentação, em suas múltiplas formas, e podemos ter acesso a ele para produzir as mais variadas interpretações do passado. Já o resto é algo que nos chega do passado e que pode revelar, de maneira sub-reptícia, no presente, algo sobre o passado. É preciso atribuir valor ao resto para que ele adquira a qualidade de rastro. Assim, na interpretação que estamos produzindo, descrições esparsas e fotografias múltiplas, por exemplo, que faziam parte da edição de notícias de outros tempos, foram deslocadas da sua função de rastro (o documento jornal) para a função de resto, ao serem atribuídas a esses fragmentos a possibilidade de interpretações sobre os leitores do passado e a presunção de reconstrução de suas práticas de leitura.

Há que, como enfatiza Agnes Heller (1993, pp.102-103), atribuir um valor ao resto para que se transforme em algo significativo, podendo só assim adquirir a qualidade de documento. Os restos são as mensagens e os sinais que existem de maneira multifacetada e que, como num quebra-cabeça, permitem a junção de peças desconexas (restos) construindo uma trilha de rastros. O resto é um indício de mensagem a quem é dada significância, transformando-se em rastro material, ou seja, adquirindo a qualidade de documento. O resto necessita da intervenção de alguém que veja nele a qualidade de vestígio – isto é, ser percebido como algo significativo no presente –, restituindo-lhe a possibilidade de ser rastro e, dessa forma, ser seguido em direção ao passado.

Tragédias e crimes: leitores vorazes

As leituras que, de fato, faziam a sensação das cidades, provocando comentários intermináveis, ficando perenes por dias, em práticas de contar o que fora absorvido anteriormente (o que acionava gestos memoráveis da oralidade mostrando o intercâmbio entre o oral e o escrito), eram as tragédias de todas as ordens, os crimes violentos e

inexplicáveis, os desastres momentâneos, tudo aquilo que fugia a uma presumível ordem de aparente normalidade (Barbosa, 2007).

Já se sabe que os leitores de jornais se embriagam com as decifrações dos logogrifos e charadas, no desejo de saber em que centena ou em que bicho poderão, mais confiantemente, ir arriscar os seus mil reis; os leitores que só tomam dos jornais para saber qual foi, na véspera, o suicida e qual substância com que o mesmo pôs termo à existência, ou se engolfar nessas colunas rubras dos noticiários de tragédias, dramas de adultério ou de quaisquer espécies (*O Paiz*, 22 de dezembro de 1910, p. 1).

Nessas ocasiões, constatavam os próprios periódicos que “os jornais vendem como nunca”:

Multidões de leitores aparecem, sendo que alguns nem sabem procurar um determinado jornal, pedindo ao vendedor aquelas folhas que trazem fotografias e detalhes os mais íntimos do crime e suas causas. É curiosa a psicologia desses leitores. Normalmente a imprensa não os interessa com as suas informações políticas, os seus artigos doutrinários, a sua resenha da arte e dos acontecimentos diários (*O Paiz*, 5 de julho de 1913, p.2).

O pequeno trecho identifica leitores eventuais: aqueles que não conhecem nem mesmo o nome do jornal, quanto mais os seus conteúdos. Querem as “folhas que trazem fotografias”, para poder ler pelo olhar as imagens dos “detalhes mais íntimos do crime e suas causas”. São os que não se interessam pelo noticiário do dia a dia, mas se

surge, porém, uma grande tragédia passional, um suicídio sentimental, um crime nefando movido pelo roubo ou pelo ódio. Improvisa-se logo uma clientela de leitores desconhecidos a devorarem os jornais, a estudarem as circunstâncias e as passagens em jogo, aventurando-se a uma indagação moral e jurídica que desafia os próprios funcionários da polícia e, não raro, os excede na forma com que se vão desvendando as faces escuras da tragédia (*ibid*).

São leitores que vorazmente leem os jornais e que produzem significados bastante particulares dessas práticas, nas suas interpretações, já que não basta ler; é preciso estudar minuciosamente cada trecho descrito, para tentar – eles mesmos – decifrar os mistérios dos crimes. Ficcionalizando a narrativa, diante de notícias reveladas aos poucos, em reportagens que se sucedem, como se fossem capítulos de uma novela, promovem uma ação efetivamente autoral. O leitor é, antes de tudo, autor.

A prisão ontem efetuada do assassino ou de um dos assassinos do negociante Adolpho Freire, interessou vivamente a população da cidade, há dias já presa em grande atenção pelo mistério que envolve a tragédia, mistério que se vai desvendando em pequenas doses, como uma representação teatral que custa pouco dinheiro, tendo a vantagem de oferecer vários intérpretes em cada jornal ao preço de 100 réis. O espetáculo promete ainda ir longe, com as suspeitas da cumplicidade de um personagem novo, emprestando à tragédia um caráter ainda mais horrível e atraente para o público. É de notar a avidez com que a faculdade da leitura, tão desprezada frequentemente, surge nessas ocasiões e diante das grandes tragédias. Os jornais se vendem como nunca. [...] Lendo os jornais, o público faz conjecturas e avança, sobre a prova dos fatos, sequioso de aclarar o mistério (*O Paiz*, 5 de julho de 1913, p.2).

Eram tamanhos a sensação e o interesse que as tragédias causavam que, muitas vezes, os jornais para saciar a necessidade de novas informações do público produziam boletins gratuitos, distribuídos entre os leitores, e deles tiravam milhares de exemplares.

Diante da ansiedade que o público demonstrou por detalhes da prisão de Augusto Henriques, aglomerando-se de uma maneira espantosa às portas do nosso escritório, onde havíamos afixado já as primeiras informações, mandamos imprimir em nossas oficinas um boletim que contivesse as principais notas sobre o acontecimento. Esse boletim, de que tiramos milhares de exemplares, começou a ser distribuído gratuitamente a 1 hora da tarde (*A Noite*, 4 de julho de 1913, p.1).

Se crimes e violências de todas as ordens eram os assuntos que tinham a predileção do público que *devorava* as notícias, o que denotava a sofreguidão da leitura e a rapidez com que a fazia para descobrir novos detalhes do quebra-cabeça do acontecimento, também os acidentes inesperados provocavam comoção generalizada. Nesses momentos, os periódicos eram os responsáveis diretos pela divulgação em primeira mão.

O acidente com a Barca Sétima que conduzia para Niterói os alunos do Colégio Salesianos e que naufragou perto da Ilha de Mocangê, na Baía de Guanabara, levou os jornais, mais uma vez, a fixarem nas suas portas boletins dando os primeiros detalhes do acontecimento. Imediatamente, “inúmeras pessoas que se achavam na Avenida Rio Branco e em outras vias públicas, do centro da cidade correram para o Cais Pharoux” (*Jornal do Brasil*, 27 de outubro de 1915, p.7).

Os jornais eram os responsáveis diretos pelas notícias que inundavam as cidades, causando emoções as mais variadas e com elas inúmeras práticas de leitura de seu público costumeiro ou eventual.

Leitores por toda a parte

Havia leitores e leituras por toda a parte. Havia guardas que liam “a vontade” nas delegacias⁷. Eram incontáveis os trabalhadores que liam nos seus locais de trabalho⁸. Lia-se nas casas humildes ou nas residências mais abastadas, lia-se nas prisões, lia-se nas ruas, como vimos anteriormente. Havia também o hábito de alguns comprarem vários jornais e fazer deles a leitura habitual matinal. As crônicas do cotidiano, muitas vezes, descreviam o costume.

Ainda não vi coisa mais interessante que um dia do Benigno, um funcionário público, meu amigo. O desgraçado, que é casado e já tem três filhos, levanta-se as 6 horas com os berros das crianças. Devora um cafezinho com pão de dois vinténs, chupa um cigarro barato e entrega-se à leitura dos jornais, porque Benigno compra todos os jornais. Primeiramente lê os órgãos governistas na expectativa de descobrir nos atos oficiais a sua já “crônica” nomeação para o lugar de... não sei mesmo qual, porque as categorias são as mais extravagantes possíveis (Pobre Benigno! *Rio em Flagrante*, 24 de abril de 1914, p.9, grifos nossos).

E continua:

Depois, como nada tenha descoberto, ele (coitado!) enche-se de cólera e... fica satisfeito com uma “piada” atirada ao governo ou com um artigo de fundo espalhafatoso, cheio de “cobras e lagartos”. As 9 ½ almoça às pressas bacalhau ou carne seca com feijão. As 10, como mora no subúrbio, sai de casa. As 11 entra na repartição. Tira o paletó, lava as mãos e... assina o ponto (Pobre Benigno! *Rio em Flagrante*, 24 de abril de 1914, p.9).

Embora seja um texto ficcional, a sua produção e a sua destinação a um público que reconheça, ali descritos, comportamentos habituais, com a verossimilhança indispensável, levam esse público a interpretar o texto como vestígios de um tempo que mostra hábitos

⁷ “Compareceu depois a testemunha [...], que declarou que o capitão Fonseca esteve no seu consultório de dentista às 4 horas da tarde, dizendo que o guarda André Magalhães, que assassinara um soldado da 9.^a companhia, estava a vontade na delegacia, lendo os jornais” (*O Paiz*, 13 de novembro de 1912, p. 8).

⁸ “O Sr. Antônio Mazzei, sapateiro, residente no Largo da Misericórdia, n. 3, procurou o Jornal do Brasil para queixar-se de que ontem, as 3 ½ da tarde, estava na sala da sua oficina lendo os jornais, ali apareceu, de surpresa, o sargento Antônio Aguiar [...], que lhe passou revista, com o intuito de encontra-lhe um revolver” (Queixas do Povo. *Jornal do Brasil*, 6 de janeiro de 1913, p. 9).

cotidianos, entre os quais estava a leitura de vários periódicos. Begnino comprava todos os jornais para ler sobre diversos temas, inteirar-se de múltiplos assuntos, dependendo da linha editorial das publicações. Nos jornais governistas, ele, que era funcionário público, esperava ver a sua nomeação. A raiva decorrente da frustração fazia-o ficar “satisfeito com uma piada atirada ao governo” ou com “um artigo de fundo espalhafatoso” que criticava veementemente, lidos em outras publicações.

Lia-se, sobretudo, nos bondes. A uma hora que se levava no transporte, em média, para se atravessar dos subúrbios em direção ao centro, era tempo suficiente para muitas leituras. Alguns chegavam a aconselhar o uso desse tempo – tornando-o mais útil – para a realização dessa prática⁹. Outros descrevem as leituras feitas, que podiam sofrer interferências da atitude dos outros passageiros. Leituras distraídas produziam-se, em função do barulho do entorno.

O meu vizinho Raymundo conta a sua vida no bonde
“Sr. Redator – Hoje, amanhã, quando puder, enfim, mas faz favor, dê generosa acolhida a esta carta. Há certos indivíduos que, quando viajam em bondes, se esquecem inteiramente do chá que tomaram ou que deveriam ter tomado em criança. Conversam em voz alta, incomodando os vizinhos que vão lendo e que não tem absolutamente interesse em ouvir a sua “palavrancia”, como dizem os espanhóis. Nos carros de Santa Tereza, cuja viagem é silenciosa e que os passageiros, com raridade, vão lendo os jornais do dia, esse silêncio geralmente é quebrado por um antigo morador do bairro” (*A Rua*, 18 de novembro de 1916, p.4).

De manhã e à tarde, constatava-se que, “quem entra num bonde, vê toda a gente lendo os jornais do dia”, o que poderia supor que as tiragens eram esplendorosas. Mas não. O assunto passou a ser parte das discussões dos jornalistas, que tentavam explicar por que, mesmo “o brasileiro não sendo analfabeto e nem lendo pouco”, as tiragens dos jornais eram de “envergonhar uma população de mais de um milhão”. (*A Rua*, 18 de novembro de 1916, p.4)

As matérias passaram, então, a se suceder para explicar o fenômeno. Os leitores, principalmente os da manhã, compravam o jornal no ponto inicial da viagem e, ao final, devolviam-no ao vendedor, que o vendia de novo. Estava explicitado o mistério. Passam, então, a fazer uma campanha para que os jornais fossem rasgados depois de lidos. “Acabou de ler? Rasque por obséquio, o seu jornal” (*A Rua*, 9 de julho de 1914, p.1).

⁹ “Uma folha da manhã publicou, ontem, meia coluna de interessantes considerações a propósito do tempo que se perde em longuíssimas viagens de bonde, [...] esse tempo [...] poderia ser bem aproveitado com a leitura de livros mais ou menos instrutivos” (*Rio em Flagrante*, 20 de abril de 1914, p. 2).

Os leitores de jornais, principalmente de manhã, não escapam ao hábito, ao horrível hábito de ler o jornal que compraram e, ao fim da viagem, dá-lo ao próprio vendedor. [...] Os próprios gazeteiros estão tão acostumados a receber os jornais lidos, no ponto dos bondes, que estranham quando alguém lhes recusa. [...] Os vendedores fazem um dinheirão, porque vendem um mesmo exemplar quatro ou cinco vezes e ainda lhes resta uma boa parte para devolver ao escritório como não vendidos (Jornais e venda avulsa. *O Paiz*, 9 de julho de 1914, p.2).

Liam-se jornais nas ruas, mas também livros. Em 1914, os periódicos começaram a noticiar o progresso do comércio de livros no meio da rua, o que fazia com que se enchesse a cidade “de livrarias ao ar livre” (Figura 5). Vendiam-se livros “em vários pontos e nos engraxates, coisas que aliás, até bem pouco tempo existia, mas não tão disseminada”. Livros eram vendidos nos muros da cidade (*A Rua*, 15 de julho de 1914, p.1).



Figura 5: “A livraria ao ar livre, nas grades do Teatro S. Pedro, é a mais antiga”, dizia a legenda (*A Rua*, 15 de julho de 1914, p.1).

Na Figura 5, observamos um transeunte na posição leitora. Com as mãos para trás, curvado para melhor acessar o texto, ele lê as notícias dos jornais – *A Época* e outro de que não é possível descobrir o título – que estavam colocados, na grade, ao lado de muitos livros. Na imagem, vemos um jovem negro sentado num caixote. Seria ele o vendedor dos livros? Um pouco mais atrás, outro que olha fixamente a câmera fotográfica, enquanto mais três pessoas estão no fim do quadro. A posição do leitor, que se abaixa para ver mais de perto, denota o interesse e, sobretudo, o alheamento que consegue para se fixar nas palavras escritas. Transforma-se em leitor solitário, mesmo na rua e rodeado por outras pessoas.

Essas livrarias ao ar livre vendiam muitos e variados títulos. O preço, entretanto, não era acessível para muitos bolsos: 1\$000¹⁰.

O que se vê agora, no Rio, é que não há engraxate que não tenha se tornado... livreiro. Em vários cordéis, defrontando a cadeira da “engraxadela”, dependuram-se os livros variados, múltiplos. Há de tudo. Tolstoi, Zola, Balzac, Dumas, Feval, Gorki, que é o maior fornecedor por sinal, Bocage, Eça, até Paulo de Kock, este apenas representado pela “Menina das três saias”. O preço varia. [...] Dumas com

¹⁰ Pouco mais de 1 mil réis era quanto custava, em 1914, o quilo da carne fresca. Um quilo de farinha de mandioca era \$330 réis, enquanto o pão custava \$600. Cf. Affonseca Jr., 1920, p.13.

o seus Três Mosqueteiros completos, sem faltar uma vírgula às façanhas do ardoroso D'Artagnan, os volumes dos outros mais escritores são a 1\$000 réis cada um (*A Rua*, 15 de julho de 1914, p.1).

Os títulos que tinham a preferência do público eram os “fascículos, cuja venda a polícia terminantemente proíbe”.

Já não falamos de Rabelais com as suas “Afrodisíacas” e mais trabalhos do seu acervo literário. [...] Falamos – isto sim – de outros livros rubros, picantes como pimentões que são o deleite dos apreciadores do famoso “Álbum de Cupido” [...] É rendosa esta parte da biblioteca, sabem-no bem os “livreiros” que o exploram, exibindo por vezes, disfarçadamente, como um chamariz, uma ou outra página aberta da sua literatura... (*A Rua*, 15 de julho de 1914, p.1).

Leitores improváveis

Em julho de 1913, durante vários dias, os jornais noticiaram uma “tragédia misteriosa”: queriam, a todo custo, desvendar o crime do comerciante Adolpho Freire e que resultou na prisão de Secundino Augusto Henriques de Carvalho. Até aí, tudo igual ao que os jornais noticiavam quase todos os dias. Da mesma forma, a notícia foi também fixada na porta dos periódicos e “uma vez divulgada não tardou a afluir à porta da delegacia grande massa de curiosos que queria invadir o edifício” (*Jornal do Brasil*, 5 de julho de 1913, p.8).

Os detalhes divulgados pelo vespertino *A Noite*, entretanto, reservavam várias surpresas. Augusto Henriques quando foi preso estava lendo os jornais do dia na cama. No quarto, um compartimento acanhado e sujo, havia,

Além de uma cama de vento, outra de ferro e uma cadeira e uma mesa bastante velhas, só existem aí trapos sujos, muita imundice e grande número de jornais. Secundino Augusto Henriques estivera deitado, lendo os jornais do dia, quando a autoridade penetrou no seu antro e lhe deu voz de prisão (*A Noite*, 4 de julho de 1913, p.1).

Mas as surpresas não pararam por aqui. Na delegacia o preso informou, quando lhe pediram para assinar um documento, que “só assinaria depois de o ler”. “Disse mais ele que assim era seu costume – nada assinar sem que tenha lido” (*A Noite*, 4 de julho de 1913, p.1).

Além disso, a busca realizada no seu quarto resultou na “apreensão de diversos jornais, de 30 de junho, 1, 2 e 3 do corrente”, ou seja, dos dias imediatamente anteriores à sua prisão, e “esses jornais estão manchados de sangue” (*A Noite*, 4 de julho de 1913, p.1).

Os trechos da notícia do vespertino de grande sucesso de público revelam não apenas práticas de leitura do assassino – lia diversos jornais deitado em sua cama –, mas também como fazia uso deles para se inteirar das notícias sobre seu próprio crime. Por isso, tinha no quarto, “acanhado e sujo”, jornais dos dias que antecederam a sua prisão. Leitor frequente, fazia dos jornais uso utilitário para descobrir os passos possíveis da sua captura.

Ainda, seu conhecimento sobre as possibilidades documentais do escrito – que podia se constituir em prova contra ele – levava-o a declarar que nada assinaria sem ler antes. A leitura fornecera a ele muitos conhecimentos, inclusive de natureza jurídica.

O detalhe de que os jornais encontrados estavam sujos de sangue abre muitas brechas na imaginação: os jornais mancharam por que ele os pegara com as mãos ainda tingidas do sangue da vítima? Não tivera ele tempo de lavar as mãos, antes da leitura, para retirar o sangue, ou não se preocupara com isso? Suposições do leitor do passado e do presente.

Muitos leitores podiam buscar nos anúncios de emprego publicados no *Jornal do Brasil*, no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Commercio*¹¹ uma possibilidade de colocação. Mesmo os analfabetos encontravam uma fórmula de conseguir a informação por que tanto buscavam, pedindo para outros procurarem para eles os anúncios. Eram leitores, nesse caso, de segunda natureza.

– Pode fazer o favor de me ler os anúncios... não sei ler... E o rapazinho franzino e moreno, nos estendia um exemplar de uma folha matutina muito popular.

Era em plena Avenida, a poucos passos do edifício do referido matutino. [...]

– Quais anúncios?

– Os de empregos.

Esfregando os olhos cansados começamos a leitura. Não foi longa. Um lugar de areiador de talhares satisfez o rapaz franzino, que ainda nos pedia informações sobre a rua em que residia o anunciante [...]. Íamos prosseguir na fuga, mas eis que outro jornal nos surge pela frente.

Outro analfabeto, a cata de emprego. Este era mais difícil. [...] O “precisa-se” foi encontrado e ele se despediu, partindo rapidamente.

Uff! Exclamamos. Era cedo, porém. Na outra esquina novo pedido de leitura, desta vez de um operário recém-chegado à capital que desconhece e onde é desconhecido (*A luta pela vida. A Rua*, 7 de março de 1919, p.1).

¹¹ Esses três periódicos eram os que publicavam, todos os dias, seções de emprego, ao lado da de aluguéis. Os primeiros sempre precedidos pela expressão “Precisa-se”. Mas cada um deles era destinado a um tipo de leitor. Sendo assim, o *Jornal do Brasil* publicava, sobretudo, empregos destinados aos grupos mais populares, como os domésticos; o *Correio da Manhã*, além desse tipo de colocação, também os empregos médios, no comércio, por exemplo; já o *Jornal do Commercio* divulgava empregos destinados aos grupos médios urbanos, já que ali era possível achar, como diz a notícia, “propostas vantajosas e colocações magníficas” (*A Rua*, 7 de março de 1919, p.1).

A leitura utilitária, feita por outro, mas com objetivo preciso, era descrita em detalhes. Todos os dias, “grande número desses pretendentes que não sabe ler e tem que esperar que uma alma caridosa” o faça por eles desce “das suas pobres moradas, quase sempre longínquas, para a Avenida”. Ficam à espera dos jornais que anunciam empregos (*A Rua*, 7 de março de 1919, p.1).

A porta do Correio da Manhã, Jornal do Brasil e Jornal do Commercio esperam ansiosamente a saída dos primeiros exemplares, que são disputados. As longas colunas do “Precisa-se” são devoradas e os candidatos partem, indo amanhecer à porta dos anunciantes, esforçando-se cada um em ser o primeiro a chegar. São, na maioria, pretendentes a lugares humildes, de copeiros a ajudantes, de limpatalhares, auxiliares de jardineiro; há também operários diversos, novos na capital na qual ainda não têm relações (*A Rua*, 7 de março de 1919, p.1).

Mas os anúncios de emprego podiam, em alguns periódicos, visar a outro público:

Abrange, também, senhoras e senhoritas, moços de bastante representação. Descem esses mais tarde e podem ser observados nos bondes, adquirindo os jornais nos “pontos”. São, na maioria, principalmente os homens, candidatos aos empregos anunciados no Jornal do Commercio, onde aparecem, por vezes, propostas vantajosas, colocações magníficas, oferecidas aos mais ativos [...]. Não podem ser observados na Avenida a porta das redações e nem imploram a leitura. Nos bondes e nos trens de subúrbios, pela manhã, são, porém, fáceis de se notar – por causa da atenção com que se entregam à leitura das colunas de anúncios, tomando apontamentos e sublinhando trechos. Procuram cuidadosamente ocultar os seus intentos e quando notam que estão sendo observados, passam imediatamente a ler a matéria editorial constrangidos (*A Rua*, 7 de março de 1919, p.1).

Nesse caso, a leitura que realizam de soslaio – querendo ocultar que estavam à procura de emprego –, encobertas por gestos de disfarce, era indutora da produção de outro texto (apontamentos e palavras sublinhadas), à margem dos anúncios originalmente publicados. Mais uma vez, uma leitura que leva à ação e, nesse caso, a um ato escriturário. O leitor é, muitas vezes, produtor de textos no ato contínuo ao da leitura.

Terminando os vestígios dessa travessia que encontrou pelo caminho leitores variados em suas práticas de leitura plurais, entramos, pelas descrições que os periódicos perenizaram, num presídio e lá encontramos, talvez, o mais improvável de todos os leitores: o cangaceiro Antônio Silvino.

Sob o título “Uma palestra com o célebre cangaceiro Antônio Silvino”, *A Rua* (16 de abril de 1917, p.7) reproduz a entrevista feita por um repórter anônimo, na Casa de Detenção do Recife. Nela, Silvino fala das suas leituras e de como aprendeu a ler, sozinho, diretamente em contato com as letras impressas.

Entrou para a prisão sem saber ler. Não assina o nome. E sem ter aprendido, lê hoje em dia! Começou lendo os jornais que o atacavam, que tratavam da sua pessoa. Não sabe explicar como lê. Porque não soletra uma palavra.

Como víssemos uns livros na sua prisão indagamos que livros eram aqueles.

– A Bíblia – respondeu-nos.

– Já a leu?

– Sim, “sinhô”.

– Que tal achou?

Silvino a esta pergunta respondeu sorrindo que em vários pontos achou diferença entre o Velho e o Novo Testamento. Está certo de que os padres mentem muito.

Tirou esta conclusão (*A Rua*, 16 de abril de 1917, p.7).

Leitor de livros e periódicos, o cangaceiro aprendeu a ler sozinho e não se sabe como. A leitura era necessária para descobrir o que diziam dele os jornais. Na sua cela, os livros expostos induzem a pergunta do repórter, que desvenda pelo menos um deles: a Bíblia. Já a tinha lido e, sobre ela, forneceu algumas interpretações. Soube diferenciar o Velho e o Novo Testamento e concluiu, expressando uma opinião decorrente do ato leitor, que “os padres mentem muito”. A leitura é invariavelmente indutora de múltiplas possibilidades interpretativas que deságuam na produção de novos significados.

Considerações finais

Seguindo restos que se transformam em rastros e vestígios do passado, procuramos evidenciar as possibilidades leitoras existentes no início do século XX por meio do processo de popularização dos periódicos nas grandes cidades brasileiras, no qual o Rio de Janeiro funciona como território metonímico do restante do país.

Não tivemos o propósito de produzir uma história das práticas de leitura, embora sejamos obrigados a reconhecer pressupostos teóricos dessa fundamentação em muitas das imersões reflexivas do texto. O propósito foi mais específico: inserir o gesto leitor numa história da imprensa brasileira. Sem ele, essa história seria marcada pela incompletude, uma vez que os processos comunicativos só se integram num circuito comunicacional se considerarmos as múltiplas apropriações produzidas pelos leitores, as quais se revelam em práticas e gestos de suas relações com os textos (Chartier, 1990).

Produzindo uma tipologia das práticas de leitura desses atores em diversos movimentos cotidianos pela cidade no início do século XX, privilegiando os jornais, distinguimos possibilidades de relações do público com os textos, de seus lugares leitores, dos territórios onde eram realizadas as leituras, das materialidades dos impressos, que desvendam inúmeros gestos leitores e as significações que produziram em contato com aqueles textos. Abordamos as leituras para também mostrar os sentidos construídos pelos sujeitos que realizavam individual ou coletivamente o ato de ler. Se, como enfatiza Roger Chartier (1990), abordar a leitura é reconhecer as estratégias dos autores e editores, que por intermédio de ações editoriais impunham “uma ortodoxia do texto, uma leitura forçada” e, ao mesmo tempo, considerar “a irreduzível liberdade dos leitores”, há que se destacar numa história da imprensa o papel central da leitura como prática criadora, “atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos” (Chartier 1990, p.123).

Leituras coletivas, das multidões, ao lado de leituras individuais solitárias, encenadas ou não. Atos de ler titubeantes, daqueles que não estavam familiarizados com as letras impressas, ou daqueles que eram leitores contumazes, ou ainda leitores de segunda ou terceira naturezas, que não sabiam efetivamente ler. Leituras nos bondes, nas vias públicas, no quarto, no trabalho. Jornais expostos como cartazes nas ruas. Periódicos que diminuíram de tamanho para serem lidos mais facilmente nos transportes públicos. Livros dispostos nos muros ao alcance da vista dos leitores transeuntes. Notícias trágicas, sangrentas, últimos acontecimentos de uma guerra que envelopava os sentidos e que induziam a busca pelas novidades e, sobretudo, pelas sensações das tragédias do cotidiano.

Tudo isso revela modos de se apropriar que estão diretamente relacionados ao texto, às materialidades que o sustentam e às práticas que dele se apoderam, como bem mostra Roger Chartier (1990; 1996; 2003; 2004) em suas múltiplas reflexões. Leituras diversas reveladas em modos de ler, territórios de leitura, gestos corporais, materialidades dos impressos, apreensões de sentidos e apropriações singulares realizadas por personagens inscritas num tempo pretérito. Foi essa fatia do passado, com vistas a integralizar uma história da imprensa no Brasil, que este texto procurou dar a ler ao possível leitor do século XXI.

Bibliografía

- Afonseca Jr., L. (1920) *O custo da vida na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Barbosa, M. (2010) *História cultural da imprensa (1800-1900)*. Rio de Janeiro: MauadX.

Barbosa, M. (2007) *História cultural da imprensa (1900-2000)*. Rio de Janeiro: MauadX.

Barbosa, M. (2013) *História da comunicação no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

Bessone, Tânia. (2017) 'A história do livro e da leitura: novas abordagens'. *Floema: Caderno de Teoria e História Literária*, [S.l.], n. 5a, out. 2017. ISSN 2177-3629. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1758>>. (Acesso em: 12 abr. 2020).

Chartier, R. (1990) *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.

Chartier, R. (1994) *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UnB.

Chartier, R. (1996) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade.

Chartier, R. (1999) *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Unesp/Imesp.

Chartier, R. (2003) *Formas e sentidos. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado de Letras/ALB.

Chartier, R. (2004) *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora Unesp.

Chartier, R. (2002). *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp.

Heller, A. (1993) *Uma teoria da história*. São Paulo: Brasiliense.

Ricoeur, P. (2007) *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp.